

CINEMA

# A história do herói que mudou de lado

Lamarca, filme de Sérgio Rezende estréia polemizando

LILIANE MACHADO

O público que lotou o Cine Dois Candangos na sexta-feira da semana passada para assistir a pré-estréia de *Lamarca*, cuja estréia ocorre hoje, acompanhou com reverência a história dirigida por Sérgio Rezende. O debate que se seguiu a projeção foi marcado pela emoção dos que viveram a época e sobreviveram. Cenas semelhantes foram vistas nos outros pré-lançamentos, realizados em Porto Alegre, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo e Campinas, quase todos feitos em universidades. Rezende, que acompanhou todas estas exposições, junto com o ator Paulo Betti, que vive Lamarca, explicou que a escolha do trabalho de divulgação sobre bases universitárias foi proposital: "Este é meu público alvo", sentenciou.

A receptividade, entretanto, não diminuiu sua preocupação com o potencial de bilheteria do filme. Rezende, reflete sobre o fracasso comercial que marcou quase todos os lançamentos de filmes nacionais, desde o início desta década. Na sua avaliação, "antes até dava para sonhar que o seu filme ia estourar e ser um grande sucesso. Hoje só há lugar para o ceticismo". Mas logo em seguida seus olhos brilham quando ele confessa que considera *Lamarca* seu melhor filme, em quase 20 anos de carreira.

"Ótimo roteiro" - Paulo Betti, que também participa da entrevista, concorda com a avaliação positiva do diretor, "acho que é o meu melhor papel no cinema", e atribui o sucesso da obra ao "ótimo roteiro". Sérgio Rezende relembra que ele e Alfredo Oroz tiveram tempo de sobra para trabalharem o roteiro. Livrementemente inspirado na obra literária, *Lamarca, O Capitão da Guerrilha*, de Emílio e José Oldack Miranda a história foi encadeada com segurança, de forma a mostrar os principais acontecimentos da vida do capitão, sem incorrer em didatismos (veja detalhes na crítica).

O diretor leu o livro dos escritores baianos em 1991, época de total desespero para o cinema nacional, em

plena era Collor, quando se extinguia com a Embrafilme, cortavam-se os financiamentos e não se propunha nenhuma alternativa. "Fiquei sensibilizado", relembra, "com a honestidade daquele homem, filho de sapateiro, idealista e incorruptível. Teve milhões de dólares nas mãos e nunca pensou em si próprio. A obra também abordava um dos períodos mais efervescentes da história do nosso país", avalia. Mesmo não sendo um artista politicamente engajado em movimentos, Rezende acha que a maioria de seus filmes possuem, em sua essência, um conteúdo político, desde *O Sonho Acabou*, sobre uma geração nascida e criada em Brasília até *Doida Demais*, uma tentativa de se refletir sobre a diversidade de raças e culturas existentes no Brasil.

Para compor a personagem, amada por muitos e odiada por outros tantos, Paulo Betti passou a ler tudo que foi publicado sobre ele, além de ler *Guerra e Paz*, de Leon Tolstói, ao que consta, o livro de cabeceira do ex-guerrilheiro. Declaradamente um homem de esquerda, o ator confessa que não conhecia muito bem Lamarca e o que o atraiu foi a possibilidade de voltar a filmar e, posteriormente, a personalidade marcante do Capitão que desertou do exército quando concluiu que este não servia mais ao povo e sim às elites dirigentes.

Paulo Betti acha ótimo para definir Lamarca o subtítulo inicial do filme, *Coração em Chamas*, que expressaria toda a gama de sentimentos que ele transmitiu às pessoas que privaram de sua intimidade. Pronto o filme, o diretor e o ator têm avaliações semelhantes sobre o Brasil de Lamarca e o de hoje: "Temos liberdade política, mas as diferenças sociais cresceram nesse espaço de 20 anos". Ambos vêm com desconfiança o futuro e hesitam ao divulgar o nome de seu candidato a presidência da república mas é Betti que acaba se adiantando, "voto em Lula", o mesmo nome para quem o ator fez campanha na televisão nas últimas eleições presidenciais.

Lamarca - Direção: Sérgio Rezende. Elenco: Paulo Betti, Carla Camurati, José de Abreu. Em cartaz no Cine Park 4.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Lamarca foi considerado um traidor pelo Exército, quando se uniu aos terroristas e se revelou um grande estrategista, planejando até mesmo assaltos a bancos

"A maior luta que travo dá-se comigo mesmo. Esforçava-me para ser apenas razão mas continuo sentimental e penso no horror que é a guerra que temos de precipitar porque não existe outro caminho, porque o imperialismo não abre mão de sua filosofia: a exploração do homem pelo homem. Quanto mais contato tenho com a nossa gente, mais força ganho para continuar na luta".

Carlos Lamarca.

## Um desertor com letra desenhada

Paulo Betti disse que uma das características de Carlos Lamarca que mais chamaram a sua atenção foi a letra de normalista, redonda e desenhada do capitão e sua predileção pela obra *Guerra e Paz*, de Leon Tolstói. Os amigos e a família realmente dão testemunho de um homem humanista, que se preocupava de fato com as injustiças sociais. Nascido em 27 de outubro de 1937, na Zona Norte do Rio de Janeiro, filho de sapateiro, de origem italiana, Lamarca decidiu muito jovem que queria ser militar. cursou a escola de cadetes em Porto Alegre e, posteriormente, a Academia Militar de Agulhas Negras, em Rezende, Rio de Janeiro.

O que pode ter influenciado Lamarca a assumir posições esquerdistas foi a penetração clandestina que o Partido Comunista Brasileiro fazia no exército nesta época. Depois de um namoro prolongado, que durou dez anos, ca-

sou-se com Maria Pavam, a quem chamava de Marina. Tiveram dois filhos, César e Cláudia. Sua ascensão no exército foi rápida. Era admirado pelos superiores e considerado um homem confiável, exímio atirador.

Capitão - Em 62, já como segundo-tenente, serviu nas forças das Nações Unidas do Canal de Suez. Permaneceu 13 meses fora do país, período que o marcou profundamente, solidarizando-se com a pobreza do povo árabe. Voltou ao Brasil com a consciência política e num diálogo com o pai, que o filme de Sérgio Rezende reproduz, ele confessa que mudaria de exército, caso o que ele servia ficasse do lado dos opressores. O desabafo revelaria-se uma predição. Em 67, com 28 anos, é promovido a Capitão e começam os rumores de que ele teria ligações com os movimentos de esquerda.

Em 24 de janeiro de 69 conclui que

não tem mais como esconder suas atividades. Deserta, carregando uma kombi com 63 fuzis belgas. Pouco depois embarca a mulher e os dois filhos para Cuba, para mantê-los seguros e vivos. Diz à mulher que a vitória é segura. Não volta a ver a família.

Na guerrilha conhece Iara Iavelberg, psicóloga paulista de origem judaica, por quem se apaixona e passa a ter um intenso relacionamento amoroso. O próprio Lamarca, pelos seus princípios morais rígidos, tem dificuldade em aceitar Iara como amante.

Membro da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e posteriormente do MR-8, revela-se um estrategista, um comandante que coordena assaltos a bancos, sequestros a embaixadores. Morre em setembro de 71, no sertão da Bahia, aos 33 anos de idade. O exército o considera um traidor e as esquerdas um herói.

## Dois brasis num único (e bom) filme

Sérgio Rezende tem razão de achar que *Lamarca* é o seu melhor filme. E não há dúvidas de que o roteiro bem encadeado, com ritmo fluente, é a base de apoio da obra. O diretor conta a história do capitão Carlos Lamarca partindo do momento em que ele comanda as ações de sequestro do embaixador suíço no Brasil, em 1970, quando o movimento guerrilheiro já está se desmantelando até sua morte, no sertão da Bahia. Sua primeira dificuldade, portanto, era deslocar a equipe do centro urbano para a aridez das caatingas. Um orçamento razoável permitiu que a operação fosse bem sucedida, combinado com a eficiência da fotografia de Antônio Luiz Mendes.

As personagens transitam por um ambiente fechado, claustrofóbico, no início, em meio a reuniões de comitê para decidirem os próximos passos da guerrilha até caírem na imensidão do

espaço aberto, sob um sol abrasante que perturba os ânimos. São dois brasis distintos e um mesmo sonho, promover a libertação do país das forças repressivas. Paulo Betti, como Lamarca, tem um constante brilho no olhar e, ao mesmo tempo, um sentimento de nostalgia frente ao passado recente.

O Capitão caminha para a morte e nenhuma das ponderações dos companheiros é capaz de fazê-lo decidir-se a abandonar o país e se refugiar num lugar seguro, até que o cerco do exército o tire da mira de foco. Seria um erro tático não fosse a firmeza da decisão, coerente com toda a sua vida até ali. O passado de Lamarca vem em *flashbacks* que resumem os principais acontecimentos de sua vida: o embarque dos filhos e da mulher para Cuba, quando ele decide entrar na guerrilha, o momento da deserção, a ida ao Canal de Suez como membro das forças inter-

nacionais de paz.

O passado e o presente da história se unem de forma equilibrada, levando a uma compreensão gradual da história do Brasil e da figura de Lamarca. Mais uma vez a eficiência do roteiro pode ser comprovada, ainda que algumas pessoas durante o debate que se seguiu à pré-estréia tenham sentido falta de mais informações históricas. Mas, para quem tem um mínimo de conhecimento sobre o período, dá para compreender a dimensão da luta interior e moral que aqueles homens travavam. O elenco de apoio, que compõe as cenas filmadas no interior da Bahia, está admirável. Eles fornecem credibilidade ao filme e imprimem força à obra, eximindo-a de uma possível visão panfletária do período. Para um país constantemente acusado de não refletir sobre o seu passado, *Lamarca* é uma exceção digna. (Liliane Machado).



O diretor Sérgio Rezende fez de Lamarca seu melhor filme e provoca polêmica com a abordagem que fez do personagem